

# *(Re)Pensando a Citação em Textos Acadêmico-Científicos*

(RE)THINKING QUOTATION IN ACADEMIC SCIENTIFIC TEXTS

José Cezinaldo Rocha **BESSA** \*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a citação no texto acadêmico-científico. Argumentamos em favor da necessidade de reivindicar o citar em sua dimensão dialógica, partindo do pressuposto de que o olhar concebido pelos manuais de metodologia científica não dá conta da complexidade que recobre o citar no texto acadêmico-científico. Apoiando-nos em pressupostos teóricos do dialogismo bakhtiniano e em estudos de Maingueneau (1996; 2002), Charaudeau e Maingueneau (2004), Boch e Grossmann (2002), entre outros, e retomando algumas discussões de autores de manuais de metodologia científica, apresentamos um texto que se tece em torno de três questões básicas: o que seja o citar, o para que e o como citar. Examinando recortes de textos de pesquisadores iniciantes na produção de textos acadêmico-científicos, procuramos mostrar que o citar e o ensino do citar não podem se limitar à compreensão de um conjunto de procedimentos técnicos e/ou formais, por entendermos que, quando se cita, entram em cena também aspectos de natureza enunciativa, como aqueles relativos ao posicionamento do enunciador frente ao dito por outrem.

**Palavras-chave:** Citação; Texto acadêmico; Dimensão dialógica.

**Abstract:** This work aims at discussing the quotation in academic scientific text. We argue in favor of a need to do the quotation in a

---

\* Professor Assistente II do Departamento de Letras, do Campus Avançado “Prof.<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRN (2007). Contato: [cezinaldo\\_bessa@yahoo.com.br](mailto:cezinaldo_bessa@yahoo.com.br)

dialogic dimension. We start from a presupposition that the view of scientific methodology manuals do not compound and take attention to the complex aspects that are on academic scientific text. We are supported in theories by Bakhtin dialogism and also in theories by Maingueneau (1996, 2002), Charaudeau; Maingueneau (2004), Boch; Grossmann (2002), among others, and we also take back discussions from authors in scientific methodology. We present a text that in written around three basic questions: what is quote, why and how to quote. We examine pieces of texts from beginners researchers when writing scientific academic texts searching to show that the quotation cannot be limited to the understanding of a group of technical or formal procedures, just because we see that, when we quote, we have to consider language enunciative nature, such as those related to quotation of another author to something said for another.

**Key-words:** Quotation; Academic text; Dialogic dimension.

## Palavras iniciais

Neste texto, discutimos sobre uma questão ainda pouco explorada no âmbito das investigações no campo linguístico, qual seja: o uso do recurso da citação em textos acadêmico-científicos. Citar tem sido encarado, na maioria das vezes, como um recurso meramente técnico, nos moldes como o fazem os manuais de metodologia científica, conforme lembram Boch e Grossmann (2002). É, pois, considerando a necessidade de reivindicar o citar em sua dimensão dialógica e, por conseguinte, sua função na construção textual dos sentidos, que situamos essa discussão. Suscitar esse debate representa uma possibilidade de tentar olhar a citação como um recurso de natureza enunciativa, cujo uso sinaliza uma tomada de posição daquele que a emprega na tessitura dos sentidos do texto.

O conjunto de reflexões que apresentamos aqui dialoga com outros ditos que temos expressado em outros textos (BESSA, 2007; BESSA; BERNARDINO, 2011; BESSA; BERNARDINO; NASCIMENTO, 2011). Neste, contudo, procuramos tecer uma reflexão mais aprofundada, buscando sistematizar o entendimento que estamos tentando construir sobre o citar em textos acadêmico-

científicos. Esse nosso entendimento se apoia na compreensão de que o citar, embora seja constitutivo da linguagem humana, como expressão do dialogismo linguístico bakhtiniano, é um ato revestido de certa complexidade, especialmente na escrita de pesquisadores em iniciação científica.

O diálogo que procuramos travar aqui, portanto, reflete um olhar de preocupação com a produção e o ensino do texto, assumido por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET), do Departamento de Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande/*Campus* de Pau dos Ferros. Situados no campo dos estudos do texto e do discurso, pesquisadores desse grupo têm desenvolvido pesquisas com foco na escrita de textos acadêmico-científicos, como relatórios de estágio, monografias de conclusão de curso e artigos científicos, explorando aspectos como: os modos de citar mobilizados, as formas de introduzir e de retomar o discurso citado, como se estabelece a negociação de sentido entre discurso citado e discurso citante, as funções da citação, as formas de parafrasear, entre outras.

Das reflexões resultantes desses estudos, emerge a convicção clara de que se faz necessário investir mais em pesquisas que deem conta da complexidade que recobre o uso da citação na escrita, por exemplo, de pesquisadores de diferentes áreas e nos diferentes estágios da formação acadêmica. Entendemos que a compreensão do modo como eles estabelecem diálogo com os autores que mobilizam e como negociam os sentidos na tessitura dos textos que escrevem poderá nos fornecer elementos para pensar um ensino mais sistemático das convenções inerentes à escritura do texto acadêmico-científico, em especial daquelas relativas ao citar.

Dialogando com os pressupostos teóricos bakhtinianos e com estudos de Maingueneau (1996; 2002), Charaudeau; Maingueneau (2004), Boch; Grossmann (2002), entre outros, e retomando algumas discussões de autores de manuais de metodologia científica, apresentamos um texto que se tece em torno de três questões básicas: o que seja o citar, o para que e o como citar.

## 1 Do que seja citar

Para começar a discussão sobre o citar, nada nos parece mais oportuno e propositado que nos valermos do recurso da citação. Começamos, pois, buscando no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* o significado do termo:

1. Mencionar ou transcrever como autoridade ou exemplo;
2. Mencionar o nome de; fazer referência;
3. Referir ou transcrever (um texto) em apoio ao que afirma;
4. Avisar, intimar ou aprazar para comparecer em juízo ou cumprir ordem judicial. (FERREIRA, 1986, p. 413)

Dessas quatro acepções, as três primeiras, e principalmente a terceira, denotam melhor o significado que se tem dado ao termo citação no campo da metodologia científica. Em síntese, se pode dizer que as três destacam a citação como um recurso de autoridade e de reconhecimento do dizer de outra fonte (entende-se estudioso/pesquisador), que garante sustentação e credibilidade à argumentação daquele que escreve textos acadêmico-científicos.

Sendo assim, a citação se apresenta como um requisito básico (especialmente para os iniciantes) na escrita de textos acadêmico-científicos, nos quais o reconhecimento da autoridade da área é uma das condições necessárias para a instauração da cientificidade. Demo (2010) atesta essa ideia, quando assume que a academia não escapa de girar em torno da autoridade do especialista, que funciona como argumento de autoridade.

Orientando-se por esse viés, uma coisa que não se ousa negar é que, pouco ou em exagero, é preciso citar, até porque, como sustenta Amorim (2001, p. 177), “não se pode conceber um texto que não explicita suas relações com outras teorias”. Não se ousa negar, pois, que, sendo uma característica inerente aos textos acadêmico-científicos, citar é uma necessidade que se impõe principalmente àquele produtor que não é um especialista na área.

Como o citar atravessa a produção dos textos acadêmico-científicos de um modo geral, falar sobre citação é, pois, uma prática corriqueira no meio acadêmico, tanto é que há, hoje, além das orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT),

uma farta literatura da área, por vezes repetitiva e/ou inconsistente, de metodologia científica dedicada ao assunto.

Da perspectiva dos manuais de metodologia emana, em geral, a compreensão de citar como um conjunto de técnicas. Na ABNT (NBR 1050:2002), por exemplo, consta que citação é a “menção de uma informação extraída de uma outra fonte”. Em Santos (2000, p. 92), citação “é a transcrição literal de idéias alheias, reconhecidas e identificadas (referenciadas) como tal.” O que dizer dessas definições? Pode-se dizer, em linhas gerais, que elas situam a citação como uma forma de remissão a um dizer de outrem, a “uma outra fonte”, a “idéias alheias”, e que a retratam como um procedimento técnico.

Essa perspectiva delineada nos manuais de metodologia sugere muito pouco do que efetivamente representa o ato de citar: primeiro, porque não se explicita aí o citar como uma operação que engendra uma dimensão textual e discursiva na construção dos sentidos; segundo, porque se entende que as definições e as propostas de classificação da citação (discutidas mais adiante) apresentadas nesses manuais não nos permitem compreender o modo como a citação, do ponto de vista da funcionalidade da língua, entra na constituição dos textos, tampouco permitem compreender os mecanismos de gerenciamento de vozes (MATÊNCIO, 2002) responsáveis pela instauração dos sentidos do texto.

## 2 Do para que citar

De um ponto de vista meramente técnico, costuma-se defender que se cita por duas razões: “cita-se um texto a ser depois interpretado” e “cita-se um texto em apoio a nossa interpretação” (ECO, 1991, p. 121). Nos termos dessa defesa de Eco (1991) a citação é usada para sustentar uma argumentação, funcionando, portanto, como um argumento de autoridade, como uma forma de encontrar, em outras fontes, um respaldo para o texto que se produz. Embora não dê conta da complexidade que recobre o citar, essa visão de Eco (2001) não pode ser desprezada, já que não se pode negar que se cita o dito por estudiosos da área com a finalidade de apoiar um dizer. O que se põe em questão é a necessidade de reconhecer a citação – em sentido amplo, compreendendo todos os modos de citar o dizer do outro –

como mecanismo enunciativo (MATÊNCIO, 2002), que sinaliza o posicionamento daquele que escreve frente ao dito.

Do ponto de vista dos estudos linguísticos, sustenta-se que a citação é usada para expressar funções as mais diversas, como bem demonstraram Boch e Grossmann (2002), em estudo comparativo sobre os modos de discurso citado – aqui genericamente concebidos como modos de citar – mobilizados por iniciantes e por especialistas em textos acadêmico-científicos. Esses estudiosos mostram que pesquisadores citam para: (i) introduzir um ponto de vista; (ii) marcar o pertencimento a uma corrente, a uma escola; (iii) referir-se a trabalhos anteriores, para traçar o estado de uma problemática, (iv) sustentar uma definição; (v) fundamentar uma afirmação; (vi) discutir uma afirmação, se afastar de uma posição; (vii) justificar um comportamento; e (viii) introduzir uma ideia nova.

Essas diversas funções da citação sinalizam diferentes posições dos enunciadores em relação ao dito, ou, como dizem Boch e Grossmann (2002), sinalizam efeitos de superfície. Esses autores mencionam, por exemplo, que, num enunciado de um texto escrito por um pesquisador iniciante, como esse que se transcreve a seguir,

Na qualidade de futuro professor, penso que essa experiência será enriquecedora, pois me questionei sobre as tarefas para casa e me perguntei se elas eram adequadas? Com efeito, Philippe Mueirieu disse ‘tudo deve ser feito em sala’. Eu me questiono se não se deve reconsiderar o fato de dar tarefa para casa. (BOCH; GROSSMANN, 2002, p. 104)

ocorre, como efeito de superfície, uma supervalorização excessiva da fala do outro e um apagamento excessivo de sua própria enunciação. O autor citado pelo iniciante é, nesse caso, segundo Boch e Grossmann (2002), apresentado como autoridade infalível, alguém em relação ao qual não se pode entrar em relação de desacordo.

Embora não utilize a terminologia efeitos de superfície, empregada por Boch e Grossmann (2002), Maingueneau (2002) também aponta na direção dessa questão da posição do enunciador frente ao dito, quando aborda as finalidades do uso do discurso citado direto. Esse autor afirma que três razões levam o enunciador a fazer uso do discurso citado direto, quais sejam:

a) criar autenticidade, indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas; b) distanciar-se: seja porque o enunciador citante não adere ao que é dito e não quer misturar esse dito com aquilo que efetivamente assume; seja porque o enunciador quer explicitar, por intermédio do discurso direto, sua adesão respeitosa ao dito, fazendo ver o desnível entre palavras prestigiosas, irretocáveis e as suas palavras (citação de autoridade); c) mostrar-se objetivo, sério. (MAINGUENEAU, 2002, p. 142)

Como se percebe, a citação, mais do que um procedimento técnico, remete a um posicionamento do autor do texto, podendo expressar relações as mais diversas, dentre as quais se encontram as de discordância, de adesão, de polêmica e de confronto, como formas de manifestação do dialogismo constitutivo que engendram a linguagem humana.

É preciso, pois, concordar com Charaudeau e Maingueneau (2004), quando dizem que os modos de discurso citado não dependem de estratégias pontuais dos locutores. Constituem, na verdade, *dimensões do posicionamento* ou do *gênero de discurso*. Sendo assim, de acordo com esses autores, ao citar em dado texto, é preciso observar três grandes direções:

*1) a posição de quem cita e do destinatário: quem cita o quê para quem; 2) as diferentes maneiras de citar: existem diferentes maneiras de citar; 3) a maneira pela qual quem cita avalia o enunciado citado para integrá-lo (dizer 'ele finge que' é pressupor que o propósito citado é falso...).* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 175-176 – grifos dos autores)

Por fim, é preciso, pois, concordar ainda que, se um tratamento meramente técnico não basta para dar conta da complexidade do fenômeno da citação, também não é suficiente, como advogam Charaudeau e Maingueneau (2004), um tratamento estritamente linguístico, tendo em vista a multiplicidade efetiva dos modos de citar e as coerções impostas pelos gêneros de discurso. Ou seja, como os modos de citar não dependem de estratégias pontuais dos enunciadores, seus usos podem se diferenciar de um gênero para outro.

### 3 Do como citar

Nos manuais de metodologia científica, essa questão do como citar se limita, via de regra, ao estabelecimento dos tipos de citação com os quais o produtor de textos acadêmico-científicos opera. Em geral, compreende três, quatro ou cinco diferentes tipos, variando, portanto, de autor para autor.

Se tomarmos como parâmetro a ABNT, temos três tipos: citação de citação, citação direta e citação indireta, as quais são assim definidas:

Citação de citação: menção direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original.

Citação direta: transcrição textual de parte da obra do autor consultado.

Citação indireta: texto baseado na obra do autor consultado. (NBR 1050:2002, p. 1-2)

Como podemos observar, a diferenciação dessas três formas de citação se estabelece praticamente pelo modo como se deu a menção (se por meio de transcrição textual ou não). É por esse prisma que se apresenta também em manuais de metodologia, como os de Azevedo (2001) e Santos (2000). No que esses manuais diferem da ABNT e uns dos outros é basicamente nas terminologias que empregam, no acréscimo de uma ou outra informação e no repertório de exemplificações.

Azevedo (2001) classifica a citação em três tipos básicos: citação direta (ou formal), em que “o conteúdo do original é transcrito fielmente e entre aspas” (p. 119); citação indireta, em que “o conteúdo do original utilizado é reescrito” (p. 123) e citação dependente, na qual “o autor citado não foi lido diretamente, mas tomado (transcrevendo-se ou reescrevendo-se) por empréstimo de outro autor” (p. 123-124).

Santos (2000), por sua vez, além da citação literal e da citação literal indireta – que correspondem, respectivamente, à citação direta e à citação dependente, presentes na classificação de Azevedo (2001) –, apresenta a citação de texto oral, que é “a referência a trechos de palestras, aulas, conferências” e que pode ser de forma direta ou



indireta; a citação em língua estrangeira, que também pode ser direta ou indireta, oral ou escrita; e a paráfrase, que designa a “apresentação do conteúdo de idéias, de outrem, porém, com palavras próprias”, que corresponde à citação indireta de Azevedo (2001).

Essas propostas de classificação das formas de citar em “tipos” e suas respectivas definições, que, geralmente, vem acompanhadas de exemplificações e de instruções do tipo “*Não abuse* das citações formais”, “*Cite* só o que for chave e aquilo que você não conseguir escrever melhor” e “o cuidado no crédito à fonte *deve ser* o mesmo em relação à citação direta”, explicitam determinações relativas a como o produtor deve proceder no uso das citações em seu texto. Denota-se, pois, claramente, vestígios de uma perspectiva que reduz o citar a uma questão regida simplesmente por regras de como fazer, como bem indicam o uso dos verbos no imperativo, destacados acima.

Para além desse olhar mais técnico, que reduz o citar a um conjunto de regras, é preciso enxergar a citação pela perspectiva dos estudos linguísticos. Sob esse outro olhar, somos convocados a concebê-la como um modo de discurso citado, o que implica compreendê-la, em sentido amplo, como uma forma de manifestação dialógica, como uma forma de diálogo com o dizer de outrem; e, em sentido mais restrito, como um enunciado que faz remissão a outro enunciado, nos moldes definidos por Bakhtin (2004). Desse ponto de vista mais restrito, entende-se que o citar põe em cena dois atos enunciativos, o do discurso citante e o do discurso citado, conforme Maingueneau (2002). Em outras palavras, além da instância daquele que enuncia, o enunciado remete a instâncias outras que não a do enunciator.

Sob a perspectiva aqui delineada, o citar compreende bem mais que citação direta, citação indireta e citação de citação, como se costuma constatar nos manuais de metodologia científica. Compreende, portanto, uma proposta um pouco mais diversificada, que, tal como nos manuais, varia de estudioso para estudioso. Por isso, para uma apresentação sintética desses modos de citar, apresentamos, no quadro abaixo, adaptado de Bessa e Bernardino (2011) e Nascimento e Bessa (2010), uma breve caracterização esboçada com base em estudos de Boch e Grossmann (2002) e de Maingueneau (1996).

Quadro 1 – Caracterização dos modos de discurso citado

MODOS DE DISCURSO CITADO	DEFINIÇÃO/CARACTERIZAÇÃO
<b>Discurso citado direto (DD)</b>	- o locutor se constitui como simples porta voz das palavras do outro, que ocupam o tempo ou espaço na frase; - delega a responsabilidade da fala citada a um segundo locutor, o do discurso direto.
<b>Discurso citado indireto (DI)</b>	- o locutor faz uso de suas próprias palavras, remetendo a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata; - o discurso indireto não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado à enunciação citante; e é o interlocutor que se encarrega do conjunto da enunciação.
<b>Discurso citado direto com <i>que</i></b>	- apresenta as mesmas características do discurso direto (DD), mas tem como introdutor um <i>verbo dicendi</i> mais <i>que</i> . Neste caso, “um fragmento entre aspas que apresenta as características do DD vem depois de ‘que’” (MAINGUENEAU, 2002, p. 152)
<b>Modalização em discurso segundo (MDS)</b>	- o enunciador, além de remeter ao discurso de outra pessoa, pode <i>comentar sua própria fala</i> ;
<b>Ilhota citacional</b>	“[...] o enunciador citante isolou em itálico e entre aspas um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. [...] mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados. [...] a <i>ilha</i> está perfeitamente integrada à sintaxe: só a <i>tipografia</i> permite que essa parte do texto não é assumida pelo relator. [...]” (MAINGUENEAU, 2002, p.151)
<b>Evocação</b>	- o locutor não comenta o texto citado nem resume seu conteúdo, somente faz alusão a discurso de outrem.
<b>Resumo com citações</b>	- “trata-se do resumo de um texto cujo original aparece apenas em <i>fragmentos no fio do discurso</i> ” (MAINGUENEAU, 2002, p.154). - os fragmentos entre aspas são partes do discurso original, estando “integrados sintaticamente” ao discurso que cita.

Da caracterização acima, e para fins de ilustração, destacamos dois excertos, com vistas a melhor compreender como se comporta o enunciador frente ao dizer do outro que ele cita, naqueles que costumam ser os dois modos de citar mais frequentes na escrita de textos acadêmico-científicos.

- (1) o locutor se constitui como simples porta voz das palavras do outro, que ocupam o tempo ou espaço na frase; delega a responsabilidade da fala citada a um segundo locutor, o do discurso direto
- (2) é o interlocutor que se encarrega do conjunto da enunciação.

Nesses excertos, pode-se observar que o citar impõe pensar na questão da “responsabilidade da fala”. Se, no discurso direto, o locutor não assume a responsabilidade pela fala citada, qualificando-se como uma espécie de “porta voz”, como afirma Maingueneau (2002), no discurso indireto, ele faz uso das próprias palavras para reproduzir o que o outro disse, encarregando-se, pois, pelo dito, o que, muitas vezes, pode resultar em modificações, que desvirtuam os dizeres atribuídos ao outro. Observa-se, portanto, que nesses modos de citar o comportamento do locutor diante do dizer do outro não é o mesmo. Não só para quem escreve, mas também para o professor (que ensina, orienta, examina), é importante enxergar isso, tendo em vista a necessidade de tentar entender como e em que medida o locutor empresta as palavras do outro para assumir sua própria voz.

Para não ficar apenas no plano teórico, trazemos aqui uma análise de recortes que ilustram o uso de dois dos modos de citar explicitados no quadro acima. Como estudos que temos feito mostram que o discurso direto e o discurso indireto estão entre os modos de citar mais frequentes na escrita de textos acadêmico-científicos de iniciantes (BESSA; BERNARDINO, 2011), selecionamos recortes que ilustram esses dois modos.

[...] Vale ressaltar que a refacção dos gêneros estudados foram feita em sala, em virtude do acompanhamento e observar de perto a evolução dos alunos na escrita de suas produções. Dessa maneira Karwoski e gaydecza (2006) destacam a importância deste procedimento quando:

Essa etapa de correção dos textos permite ao professor selecionar dificuldades gramaticais dos alunos e usá-las em exercícios de análise lingüística, em outros momentos de aula. Certas dificuldades decorrentes de características específicas do gênero discursivo a ser produzido podem ser previstas e abordados em exercícios específicos paralelamente escrita. (p. 79-80)

Durante a fase de regência, a leitura foi constante na sala de aula. Pois, essa prática beneficiou muito na execução dos planos principalmente nos estudos dos gêneros: conto, poemas, diário e notícias. [...] (R07, p. 08)

Uma análise desse recorte, situada para além do viés meramente técnico, precisa considerar, antes de tudo, que se tem aí um modo de discurso citado direto. Não é discurso citado direto simplesmente porque se transcreveu fielmente e entre aspas o conteúdo de um texto original, como costumam apregoar os manuais de metodologia científica. É discurso citado direto porque o fragmento em destaque revela dizeres de outro, de estudiosos da área – Karwoski e Gaydecza – que são retomados para respaldar a fala do autor do texto, dizeres esses com os quais o autor do relatório visa a expressar uma relação de acordo, manifestando, portanto, uma tomada de posição, ainda que isso tenha sido feito de forma inconsciente.

É preciso olhar também esse recorte pelo viés das escolhas linguístico-textuais e discursivas feitas pelo autor, ainda que elas também tenham sido feitas de modo inconsciente. Entre as escolhas, além do afastamento com redução da fonte da fala citada e da identificação dos autores e do ano da obra – que sugere dizer “isso não é de minha responsabilidade” –, encontram-se também o uso de verbos introdutórios. No recorte em apreciação, a forma verbal *destacam* não se enquadra na categoria de verbos *dicendi*, uma das características do discurso citado direto, segundo Maingueneau (2002). Essa forma verbal

se enquadra, segundo Muniz-Oliveira (2004), na categoria de verbos referentes a operações linguístico-discursivas, mais precisamente daqueles que dizem respeito à coerência temática, comumente usados pelo enunciador – no caso aqui o estudante – para interpretar que o enunciador do discurso que ele cita – aqui Karwoski e Gaydecza – desenvolve operações com o propósito de marcar a relevância maior de um ou outro aspecto do tema abordado. Não se trata, como se observa, de um verbo neutro, mas de um verbo que assinala um ato de interpretação por parte do enunciador do discurso citante. Conhecer, pois, o significado que cada verbo expressa é fundamental para o uso eficaz dos verbos como introdutores do discurso citado, e não apenas do discurso citado direto, pois, conforme Maingueneau (2002, p. 50), o verbo “condiciona a interpretação, dando um certo direcionamento ao discurso citado”.

Sem deixar de ressaltar a necessidade do uso adequado de outros recursos linguístico-textuais, dentre os quais os elementos coesivos, chamamos atenção, por fim, para o modo como se articula textualmente o discurso citado ao discurso citante. Parte-se da ideia de que, quando não se estabelece um entrelaçamento de sentido entre o dizer de quem escreve e o dizer do outro, se compromete a construção dos sentidos no nível da microestrutura textual.

No recorte acima, o entrelaçamento semântico deve ser observado considerando uma daquelas possibilidades expressas por Eco (2001), a de citar um texto em apoio a uma interpretação. No caso, embora à primeira vista se possa dizer que não há aí um entrelaçamento semântico, em parte pelo uso inadequado do elemento coesivo de conexão (dessa forma), uma leitura mais atenta ajuda a construir um elo de sentido entre discurso citante e discurso citado. Para isso, é necessário considerar que o estudante retoma as palavras de Karwoski e Gaydecza não para simplesmente destacar a importância do procedimento da *refacção dos gêneros estudados*, mas com a finalidade de justificar um procedimento – ou justificar um comportamento, nos termos de Boch e Grossmann (2002) – realizado em sua experiência de regência de classe durante o estágio. O estudante visa, com o respaldo do dizer de Karwoski e Gaydecza, a justificar que fez a escolha de um procedimento adequado, considerando as contribuições que esse procedimento permite. Sendo assim, é possível recuperar aí uma

continuidade de sentido, que assegura o entrelaçamento entre o discurso citante e discurso citado, de maneira a garantir a construção textual dos sentidos no nível da microestrutura textual.

Só que o entrelaçamento semântico não deve ser observado apenas na direção do citar um texto em apoio a uma interpretação. É preciso que seja observado também considerando a outra possibilidade de uso da citação de que fala Eco (2001), a de que se cita um texto para depois interpretá-lo. Com frequência, nos textos acadêmico-científicos, iniciantes fazem uso da citação com esse fim. E, não poucas vezes, depois de citarem, esquecem de interpretar ou o fazem equivocadamente, prejudicando a construção dos sentidos no nível da microestrutura textual, como se pode constatar no recorte transcrito abaixo:

(02)

Orlandi (2003, p. 40) enfatiza ainda que:

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita o equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio histórica.

Isso significa dizer que os discursos produzidos são sempre reflexos de outros discursos, não são propriedade nossa. O estudo do interdiscurso se mostra relevante para a AD, pois o conhecimento do mesmo é uma necessidade em se tratando da compreensão de sentido, baseando-se na premissa de que um discurso nasce de outros. [M04, p. 18]

Nesse recorte, o discurso citante se constrói a partir de uma tentativa de interpretação das ideias expressas no discurso citado, conforme atesta a locução “isso significa dizer que”. Observa-se, porém, que, enquanto as palavras emitidas no discurso citado evocam

a discussão sobre *condições de produção*, os dizeres expressos no discurso citante tomam como eixo da discussão a noção de *interdiscurso* e de sua relevância para o campo da Análise do Discurso (AD). É visível, pois, que o estudante tenta realizar uma interpretação do que é expresso no discurso citado. Contudo, essa interpretação não dá conta do conteúdo daquele, de modo que não satisfaz o princípio da continuidade de sentido, denunciando, assim, a falta de um entrelaçamento semântico entre discurso citado e discurso citante.

Analisados dois recortes que ilustram ocorrências de discurso citado direto, trazemos, abaixo, um recorte que servirá para ilustrar a análise de um discurso citado indireto:

(03)

[...] Assim, os alunos puderam perceber a importância da refacção de texto, de ter o cuidado de reler e detectar as informações inadequadas colocadas ao desenvolver sua produção. Os PCNs afirmam que sempre é necessário fazermos essa prática, para que nossos alunos possam perceber os elementos incoerentes encontrados no texto. [...]  
(R09, p.09)

Não temos aqui, no trecho sublinhado, meramente uma citação indireta nos termos definidos nos manuais de metodologia, já que, quando se assume que há citação indireta, considera-se apenas que o autor realizou uma paráfrase do dizer, no caso aqui do dizer dos PCNs. Considerando-se, todavia, que se trata de um discurso indireto, concebe-se que entra em jogo um enunciador que assume a responsabilidade pelo dito, interpretando o conteúdo das palavras dos PCNs. Considera-se que o enunciador “dá um equivalente semântico” (MAINGUENEAU, 1996), à medida que objetiva reproduzir, com suas próprias palavras, um dito em outra instância enunciativa (em outro lugar e tempo), com vistas a reforçar, respaldar o seu dizer, estabelecendo com as palavras dos PCNs uma relação de acordo. Considera-se, portanto, que esse enunciador assume a responsabilidade pelo que enuncia, inclusive em caso de não fidelidade em relação aos dizeres expressos pela autora.

Pode-se observar também o uso do verbo introdutor de discurso indireto. O verbo *afirmar*, que, conforme Maingueneau (1996), se caracteriza como verbo *dicendi* e, que, portanto, atua como verbo neutro, nem sempre assim funciona. Conforme Maingueneau (1996), esse verbo implica um julgamento de valor quanto ao caráter bom/mau ou verdadeiro/falso do enunciado citado. No caso em análise, o verbo *afirmar* implica uma interpretação do enunciado citado como um enunciado verdadeiro. Isso enfatiza, portanto, a necessidade da escolha adequada do verbo introdutor do discurso citado indireto, tendo em vista que essa “escolha tem conseqüências importantes na maneira pela qual o leitor vai interpretar a citação” (MAINGUENEAU, 1996, p. 113).

Da análise desses recortes, fica evidente que o citar compreende bem mais que um simples conjunto de regras, de procedimentos formais, dado que no emprego dos diversos modos de citação da fala do outro estão implicados também aspectos que dão conta da: (i) construção textual dos sentidos resultante da articulação entre discurso citado e discurso citante, (ii) dimensão dialógica da linguagem, compreendendo, principalmente, as posições enunciativas assumidas por aquele que escreve. Nem sempre, contudo, esses aspectos são explorados no ensino, até porque os manuais de metodologia científica não tratam disso e porque são poucos ainda os professores/orientadores e examinadores de textos acadêmico-científicos que devotam atenção a questões dessa natureza. Como conseqüência disso, o resultado é uma prática de escrita de textos acadêmico-científicos um tanto empobrecedora, cujos resultados revelam as dificuldades de pesquisadores iniciantes de estabelecer diálogo com o dizer do outro, conforme apontam Bessa (2007), Pereira (2007), Bernardino (2009), Bessa, Bernardino (2011).

## **Palavras finais**

Com o debate empreendido aqui vislumbramos mostrar que o entendimento acerca do citar no texto acadêmico-científico não pode e não deve se encerrar jamais pelo direcionamento delineado nos manuais de metodologia científica, uma vez que o citar representa um recurso que comporta, também e fundamentalmente, uma dimensão



enunciativa, em que entram em jogo as dimensões do posicionamento dos interlocutores e dos gêneros discursivos, conforme asseguram Charaudeau e Maingueneau (2004).

Não se quer, aqui, com isso, negar a relevância desses manuais, até porque, se eles não fossem úteis de alguma maneira, certamente não continuariam a ser produzidos e muitos deles a serem reeditados. Na verdade, é preciso reconhecer que a ABNT e esses manuais se prestam bem às suas finalidades, apresentar orientações técnicas.

Contudo, é necessário admitir, também, que é preciso ir além do citar por uma perspectiva meramente técnica, tendo em mente que tal perspectiva representa uma visão reducionista do citar. É preciso, pois, recorrer à perspectiva dos estudos sobre discurso citado produzidos pelas investigações do campo linguístico, com vistas a não se limitar o citar a uma classificação de apenas três ou quatro tipos e para não concebê-lo como um conjunto de regras, cuja finalidade seja ditar procedimentos de ordem formal a serem cumpridos na escrita de textos acadêmicos.

Finalmente, é necessário reconhecer que, se muitos pesquisadores – de iniciantes a experientes – revelam dificuldades no manejo dos modos de citar é porque, provavelmente, muito se deve ao fato de eles se guiarem apenas pelas orientações preconizadas pelos manuais de metodologia. É necessário, portanto, para a superação dessas dificuldades, que a academia invista mais no ensino da citação, assumindo o citar como um ato criativo e consciente, o que pressupõe afastar-se de um ensino orientado por uma perspectiva meramente técnica.

## Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

AZEVEDO, I.B. *O prazer da produção científica*: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 12. ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2001.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERNARDINO, R.A.S. *A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão do curso de Letras*. 2009. 152p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2009.

BESSA, J.C.R. *Referência ao discurso do outro*: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico. 2007. 110p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2007.

\_\_\_\_\_.; BERNARDINO, R.A.S. A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de curso de Letras/Português. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., Curitiba, 2011. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2011. p. 2068-2081.

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

DEMO, P. *O educador e a prática da pesquisa*. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2009.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Trad. Maria Augusta de Matos; Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília Perez; Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATÊNCIO, M.L.M. Atividades de re(textualização) em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.

MUNIZ-OLIVEIRA. *Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas e a interpretação do agir verbal*. 2004. 130p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2004.

NASCIMENTO, I.A.A.; BESSA, J.C.R. *Relatório técnico final de atividades: Pesquisa “A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de Letras”*. 47 p. Departamento de Letras do *Campus Avançado “Profª. Mª Elisa de Albuquerque Maia”*, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2010. (Apoio: CNPq).

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. Reflexões sobre ética e pesquisa. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 43-61, 2005.

SANTOS, A. R. dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.